

Imaginários e LGBTQIAP+fobia em textualidades midiáticas:

***Kit gay e Ideologia de gênero* durante o período eleitoral no Canal das Bee**

Imaginary and LGBTQIAP+phobia in media textualities:

***Gay kit and gender ideology* during the election period on Canal das Bee**

Carlos Alberto de Carvalho

Professor Associado do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, na graduação e no programa de pós-graduação. Doutor em Comunicação Social pela UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Belo Horizonte (MG), Brasil.

Philippe Oliveira Abouid

Doutorando e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Belo Horizonte (MG), Brasil.

1. Introdução

As eleições presidenciais de 2018 foram marcadas pelo crescimento da extrema direita no Brasil e pela mobilização da LGBTQIAP+fobia no contexto eleitoral: por exemplo, nas polêmicas e *fake news* como

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.261>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.195-215, set./dez. 2022

a *ideologia de gênero* e o *kit gay*. A retórica conservadora e neoliberal que caracterizou essas eleições fica claramente evidenciada a partir do lema da campanha de João Amoêdo (Novo) à presidência, que propunha uma plataforma de governo “liberal na economia e conservadora nos costumes”¹. A propósito, foi esse alinhamento econômico-político-ideológico que reuniu não apenas o Partido Novo, mas com ele todos os partidos de centro, direita e extrema direita, além das forças políticas e econômicas do país, para juntos apoiarem a campanha de Jair Bolsonaro no segundo turno, que saiu vitoriosa.

A questão moral implicada na defesa do conservadorismo aciona as bases normativas do capitalismo ocidental, estruturalmente ancoradas em valores cristãos: organizando, a partir de relações heterossexuais, da binaridade e da complementaridade dos sexos, a sua economia e a sua estrutura de dominação; e sobretudo reduzindo a relação sexo/gênero à lógica biológica e reprodutiva. Aqui, sexo e gênero não estariam apartados, mas, pelo contrário, seriam vistos como uma coisa só, inerentes às condições física e biológica dos corpos, portanto excluindo as dimensões subjetivas e culturais que atravessam as conformações e experiências de gênero e sexualidade.

Entende-se que a LGBTQIAP+fobia está sedimentada na naturalização de normas de gênero, sexo e sexualidade, bem como em imaginários historicamente construídos sobre as homossexualidades, que lhe imputam o lugar do abjeto, do pecado, das práticas antinaturais, do desvio moral, de corpos sexualizados, da pederastia etc. Ela estabelece hierarquias sexuais, assim como outras formas de violências físicas e simbólicas e inferiorização, alimentando-se dessa lógica de desumanizar o outro e torná-lo inexoravelmente diferente (BORRILLO, 2015). A partir de Borrillo, entendemos que os ataques LGBTQIAP+fóbicos não podem ser dissociados de um ideal de defesa das ordens de gênero da sociedade patriarcal; é nesse lugar que a produção de fobias, a vulnerabilidade dos corpos e o sexismo caminham juntos. Historicizar a LGBTQIAP+fobia, inclusive no Brasil, é ter que lidar com diversos regimes de historicidade que contribuiriam para alimentar o imaginário social que fundamenta o heterossexismo, a binaridade de gênero, a família monogâmica, os valores cristãos, entre outras crenças e imaginários historicamente construídos.

¹ No programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura em 21 de maio de 2018, o pré-candidato João Amoêdo (Novo) se definiu como “liberal na economia e conservador nos costumes” após provocado pelos convidados com a mobilização desses termos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=46sW-31yyQA>>. Acesso em: 22. nov. 2018.

Os imaginários LGBTQIAP+fóbicos, fomentados e disseminados por diversas instituições, contribuíram para a proliferação de notícias falsas e/ou distorcidas durante a campanha presidencial brasileira de 2018. Nesse cenário, o *YouTube* aparece como um grande celeiro de conteúdos da extrema direita no Brasil², cuja operação algorítmica contribuiu para impulsionar a circulação de conteúdos extremistas e *fake news* ancoradas em imaginários socialmente construídos sobre as homossexualidades, como o *kit gay*, a *ideologia de gênero*, etc.

Em relação a uma suposta *ideologia de gênero*, alerta-se para a ameaça à família e aos vínculos que nela se organizam. O papa emérito Bento XVI chegou a afirmar que o conceito de gênero, tal como vinha sendo abordado, contradizia as premissas católicas ao introduzir uma nova definição do humano. A igreja apontava para os perigos e alcances da *ideologia de gênero*. Outra questão, que também foi tematizada durante o período eleitoral e que é um desdobramento dessa discussão, diz respeito ao suposto *Kit gay*, que foi nomeado assim para se referir pejorativamente a um material pedagógico direcionado às escolas e docentes da rede pública para auxiliar no enfrentamento à LGBTQIAP+fobia no ambiente escolar. O material havia sido desenvolvido por ONGs especializadas, em conformidade com as diretrizes do governo. Tratava-se de um guia para orientar docentes, que foi fortemente atacado por grupos conservadores, e sobretudo pelo então candidato Jair Bolsonaro, como se fosse parte de um projeto de sexualização infantil, em que se ensinaria as crianças a se tornarem homossexuais. Naquela ocasião, a pressão de setores conservadores fez com que a presidenta Dilma Rousseff vetasse integralmente a distribuição do material. Nessas polêmicas é possível perceber um conjunto de imaginários sobre as homossexualidades que permeiam e constituem as crenças e os valores sociais compartilhados culturalmente.

Importante frisar que tais polêmicas foram determinantes para a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. Sua campanha contou, sobretudo, com uma forte articulação nas plataformas e no *YouTube*, valendo-se dessas polêmicas e de ataques aos adversários orquestrados por agentes humanos e não humanos, como aponta a CPI das *Fake News*, que investiga a participação da equipe de Bolsonaro nesses crimes eleitorais³.

² CÓRDOVA, Yasodara. Como o YouTube se tornou um celeiro da nova direita radical. The Intercept. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/01/09/youtube-direita/>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

³ Ver mais em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/10/pf-pede-acesso-a-investigacao-da-cpmi-das-fake-news.shtml>>. Acesso em: 28. Out. 2020.

A materialidade desta análise diz respeito a dois vídeos publicados pelo *Canal das Bee* no *YouTube*, durante o período eleitoral, que foram intitulados *Kit gay*⁴ e *Ideologia de gênero*⁵. Conforme apontado, essas duas temáticas tiveram a LGBTQIAP+fobia como chave operatória. O recorte nesses vídeos durante o período eleitoral teve como objetivo compreender como foi feita a abordagem dessas temáticas, nesse contexto, por um canal que se propõe ao enfrentamento da LGBTQIAP+fobia.

Sobre a ambiência do *YouTube*, é uma plataforma de vídeos da empresa *Google*, adquirida em 2013, sendo o segundo *site* mais acessado do mundo e a segunda maior rede social (REIS et al., 2019). Ele transcende a ideia de um repositório de vídeos, pois é também um espaço que fomenta a produção e a reverberação de conteúdos audiovisuais, com uma diversidade de participantes: canais de TV, empresas, anunciantes, instituições, profissionais e amadores. Em diversas produções que circulam no *YouTube*, as fronteiras entre o público e o privado, o comercial, o político, o entretenimento e a informação se encontram embaçadas. No caso do *Canal das Bee*, observa-se um misto de ativismo político, militância, enfrentamento da LGBTQIAP+fobia, entretenimento e lógicas comerciais.

A dinâmica da plataforma, com sua operação algorítmica, oportuniza a criação de uma rede de produtores, usuários e consumidores que têm interesses comuns, possibilitando a abertura promissora para mercados segmentados. No que diz respeito à temática LGBTQIAP+, é possível encontrar diversos canais, vídeos, videoclipes, filmes, músicas, performances artísticas, congressos e seminários, entre tantos outros produtos e produções direcionadas a esse público, algo difícil de encontrar num passado recente e nas mídias tradicionais. Nesse ambiente de publicações audiovisuais, marcado pela diversidade de produtores e de públicos, encontramos um meio propício para refletir sobre complexas relações de poder e sobre imaginários sócio-históricos relacionados à LGBTQIAP+fobia.

Como gesto de análise, partimos das premissas de Leal (2018), para quem qualquer situação comunicativa se apresenta materialmente em forma de texto, e assim entendemos as textualidades como o processo de emergência de algo tomado como texto, que está integrado às condições comunicativas, sendo perpassado, articulado e inscrito por suas propriedades constitutivas.

⁴ YOUTUBE (2019).

⁵ YOUTUBE (2021).

Uma vez que a LGBTQIAP+fobia é atravessada por imaginários sócio-históricos que complexificam e embaçam a sua compreensão, os imaginários revelam, a partir das textualidades midiáticas, jogos de poder e disputas de sentido, bem como dinâmicas políticas, éticas e epistemológicas que desestabilizam perspectivas hegemônicas.

Nas textualidades que emergem dos vídeos selecionados, há uma dimensão do agir na linguagem envolta em processos que apontam para essa ação propositiva do imaginário. Nesse sentido, importa-nos que, a partir dessa ação, se abrem novas possibilidades de sentido. Pensar as relações da LGBTQIAP+fobia nas duas primeiras décadas do século XXI é, antes de tudo, compreendê-las em seu contexto, nas relações que estão dadas numa determinada realidade histórica.

2. Metodologia

Os dois vídeos selecionados para a análise tratam das polêmicas sobre o *Kit gay* e a *Ideologia de gênero*, duas temáticas que tiveram a LGBTQIAP+fobia como operador durante a disputa eleitoral de 2018 para a Presidência da República. A seleção dos dois vídeos, dentre outros publicados no período que abrangeu as campanhas eleitorais do primeiro e segundo turnos, deveu-se ao fato de serem os únicos a focarem as temáticas relacionando-as ao processo de eleição presidencial. Interessa-nos olhar como o *Canal das Bee*, que se propõe ao enfrentamento da LGBTQIAP+fobia no *YouTube*, faz emergir construções textuais no sentido de revisar, aprofundar e/ou apontar outros caminhos para essas discussões temáticas, no sentido de superar os imaginários LGBTQIAP+fóbicos que essas polêmicas acionam.

Figura 1 – Capas dos Vídeos



Fonte: Perfil do Canal das Bee no *YouTube*, 2021

Nos vídeos há um conjunto de elementos estéticos que os enquadram como um produto da cultura LGBTQIAP+, não apenas no nível simbólico, mas na performance dos apresentadores, na linguagem – com o uso de expressões do vocabulário LGBTQIAP+ –, nas brincadeiras, na interação entre eles, etc. Há uma

trama de elementos que compõem a apresentação do *Canal* e dos seus vídeos. Além do título, existem a capa, as *hashtags*, a descrição dos vídeos, as palavras-chave, entre outras ferramentas estrategicamente planejadas. Por exemplo, os títulos *Kit gay* e *Ideologia de gênero* nos vídeos, bem como as *hashtags* homônimas, certamente foram escolhidos para atender à dinâmica algorítmica e ao hábito de consumo no *YouTube*, facilitando sua circulação, conseguindo maior número de visualizações e engajamento. É possível observar, inclusive, que, no vídeo cuja temática é a *Ideologia de gênero*, a imagem escolhida para a capa se refere a um outro assunto, *booktuber*, que aparece na discussão do vídeo, mas que não tem nenhuma relação com a temática central.

Na esteira desse nicho cultural e mercadológico, o *Canal das Bee* é voltado para um público jovem, de classe média, urbano, que se identifica como LGBTQIAP+. Na aba *Sobre* o *Canal*, ele se descreve como um produto “contra o preconceito, contra a homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia e o machismo”⁶. Foi criado em 20 de agosto de 2012, a partir de um trabalho de conclusão de curso defendido por Jéssica Tauane de Souza, na PUC-SP, no curso Comunicação e Mídias. Foi um produto desenvolvido como requisito para conclusão de curso, apresentado por meio de um memorial intitulado “Canal das Bee: O *YouTube* como Plataforma para o ativismo LGBTI”. A proposta inicial era produzir uma série de vídeos contra a homofobia e em defesa dos direitos LGBTQIAP+ para esse canal.

Em junho de 2018, mês do orgulho LGBTQIAP+, no ano das eleições presidenciais, o *Huffpost Brasil*⁷ indicou o *Canal das Bee* como um dos nove canais no *YouTube* que “vão expandir a sua mente” sobre a questão LGBTQIAP+. Em janeiro desse mesmo ano, o *Canal das Bee* aparecia como uma das cinco sugestões de canais LGBTQIAP+ dessa plataforma na *Revista Glamour*⁸. Essas indicações apontam para a visibilidade que o canal conquistou ao longo dos anos em relação à produção de conteúdo com essa temática, principalmente naquele ano.

No contexto da análise desenvolvida no período eleitoral, Fernanda e Herbert dividiam a apresentação dos vídeos, já que a idealizadora Jéssica Tauane se afastou por questões pessoais. Fernanda se identifica como uma mulher lésbica e Herbert, como um homem gay. Os dois são brancos e estão na

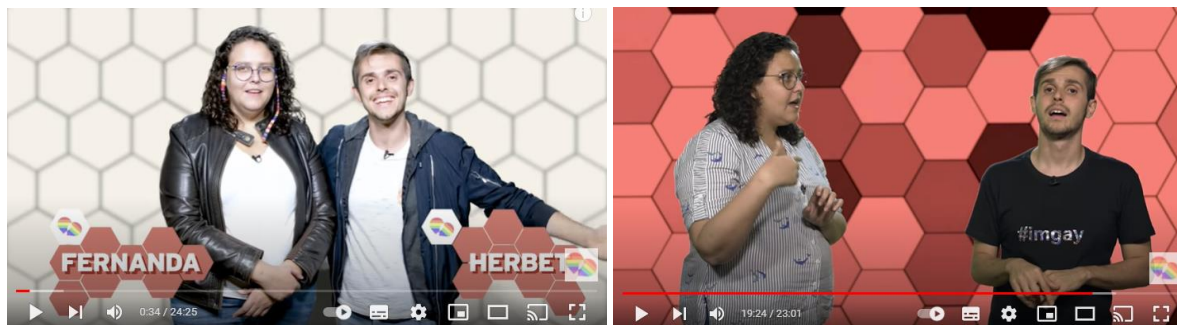
⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalDasBee/about>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

⁷ O site *Huffpost* (Brasil) encerrou suas atividades no país em novembro de 2020.

⁸ Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2018/01/5-canais-com-tematica-lgbt-do-youtube-que-voce-precisa-conhecer.html>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

faixa dos 20/30 anos. O canal também produz conteúdos com diversas outras temáticas que, de alguma forma, atravessam a cultura, o entretenimento, o comportamento e o ativismo LGBTQIAP+.

Figura 2 – Imagens dos apresentadores nos vídeos



Fonte: Perfil do Canal das Bee no *YouTube*, 2018

É preciso considerar o atravessamento das questões comerciais no modo de funcionamento do *Canal*, na escolha temática, na identificação dos vídeos, etc. Todo o conteúdo parece se adequar aos critérios comerciais e estar inserido na lógica algorítmica do *YouTube*, com vistas a potencializar sua circulação e audiência.

3. LGBTQIAP+fobia

A LGBTQIAP+fobia diz respeito ao preconceito contra as diferentes formas de expressão de gênero, sexo e sexualidade, consideradas pela perspectiva heterossexista como antinaturais, pecaminosas e desviantes. Essa “sopa de letrinhas” (FACCHINI, 2005) é usada para designar pessoas com vivências sexuais destoantes da heteronormatividade, tentando dar visibilidade para esses grupos. Uma das bandeiras do movimento LGBTQIAP+ é denunciar as diferentes manifestações de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, entre outros, considerando as especificidades vivenciadas por cada uma dessas categorias.

Carvalho e Azevêdo (2019) apontam que, a partir dos anos 2000, tal denominação tem sido mais apropriada, porque indica com maior amplitude a diversidade de interesses e de reivindicações do que a unidade que a sigla pode sugerir. Os autores destacam que, numa perspectiva histórica, a metáfora da sopa de letrinhas pode revelar certa dificuldade dos movimentos LGBTQIAP+ brasileiros de abarcar as dimensões de gênero, classe, raça, entre outros fatores fundamentais para o estabelecimento de políticas mais plurais, que reconheçam diferentes níveis de enfrentamento realizados por pessoas LGBTQIAP+, a

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.261>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.195-215, set./dez. 2022

dependem de contextos sociais, econômicos, geográficos, culturais, étnicos, entre outros. Os autores ainda afirmam que não são poucas as lacunas em estudos históricos, sociológicos e antropológicos sobre as dimensões de interseccionalidades dentro do movimento LGBTQIAP+ no Brasil.

O termo homofobia se refere a um conjunto de violências (física, verbal, simbólica, etc.) contra pessoas que se identificam como homossexuais ou mesmo contra heterossexuais que destoam dos padrões normativos de gênero, sexo e sexualidade. No entanto, ela pode invisibilizar outros tipos de violência que atravessam as diferentes identidades e expressões LGBTQIAP+. Nesse sentido, o termo abarca uma conotação política historicamente situada.

O uso do termo LGBTQIAP+ e de suas derivações tem sido reconfigurado politicamente tendo em vista diversas lutas interseccionais que denunciam diferentes relações de opressão que atravessam as vivências desses sujeitos, envolvendo dimensões de raça, sexo, gênero, classe, entre outras. A mobilização política do termo busca superar as invisibilidades de algumas lutas dentro do próprio movimento, em que as reivindicações do homem, gay, branco, de classe média, histórica e estruturalmente se sobrepõem às outras lutas.

Destaca-se, por exemplo, como travestis e transgêneros têm sido categorias historicamente marginalizadas, inclusive dentro do próprio movimento LGBTQIAP+. Há ainda a operação de um imaginário que situa as travestis e transexuais como desertoras de suas designações biológicas que podem, portanto, ser motivo de escárnio, de caricaturas, de deboche e, principalmente, da violência. Não à toa, a expectativa de vida de uma travesti no Brasil não ultrapassa os 35 anos⁹. Também circula um imaginário que associa as pessoas transexuais à prostituição e ao tráfico de drogas. Na dimensão social, diferentemente do homem gay, branco e normativo, a luta da travesti preta e periférica quase não aparece. Na intersecção com outras relações de opressão, a violência sobre esses corpos pode se configurar de modo ainda mais intenso, expondo suas vulnerabilidades à complexificação da sobreposição de camadas de opressão, se comparadas a outras identidades.

Em suma, a LGBTQIAP+fobia nos permite compreender lógicas de hierarquização que legitimam e promovem violências físicas e simbólicas. Como conceito, LGBTQIAP+fobia nos permite ir além dos

⁹ ANTRA Brasil. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/category/violencia/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

binarismos biológicos e dos essencialismos identitários, abrindo caminhos promissores para a inserção das múltiplas interseccionalidades implicadas na sopa de letrinhas.

4. Ideologia de gênero

É sobretudo a partir da compreensão de que o gênero, menos do que um dado biológico, é uma construção subjetiva e sociocultural, que setores conservadores passaram a travar uma batalha moral e ideológica contra uma suposta *ideologia de gênero*, que objetivaria subverter a lógica do pensamento cristão ocidental.

Considera-se que toda a concepção do pensamento cristão ocidental está assentada nessa lógica binária de sexo, gênero e sexualidade. A propósito, a própria ideia de família nuclear cristã se baseia na diferença e complementariedade dos sexos, na heterossexualidade, cujas relações sexuais são reduzidas à dinâmica reprodutiva. É a partir dessa lógica cristã e, conseqüentemente, das políticas imperialistas do Norte, que o capitalismo ocidental cristão se estabelece como modelo econômico, político e religioso a ser exportado e implantado em todo o mundo, o que também nos permite afirmar que o gênero é uma imposição colonial.

Miskolci (2018), em seu esforço de sistematizar a genealogia da cruzada contra a ideologia de gênero, afirma que há evidências documentais de que, há cerca de vinte anos, se forjou uma forte reação contra o uso do conceito de gênero, quando ele se configurava em acordos internacionais sobre os direitos humanos. O termo *ideologia de gênero* foi cunhado por intelectuais laicos, em acordo com lideranças religiosas católicas, e tal definição aparece como reação ao pensamento feminista e aos seus interesses políticos.

O pânico moral em torno da *ideologia de gênero* se desenvolve efetivamente a partir do reconhecimento da união entre pessoas do mesmo gênero na Argentina e no Brasil. A partir de então, na visão ideológica e conservadora desses grupos de direita e de extrema direita, começa a se configurar um receio de que o Estado passe a difundir a *ideologia de gênero*, inclusive nas escolas. Por meio da expressão *ideologia de gênero*, grupos conservadores se opõem à abordagem de gênero e sexualidade nas escolas, como se tais reflexões pudessem ir contra os valores tradicionais da família cristã. Há certo temor de que desvincular gênero de sexo biológico pode induzir as crianças a se tornarem homossexuais ou transexuais, eliminando as fronteiras de gênero.

Observa-se o estabelecimento de um enquadramento da política em torno de uma ameaça à ordem hegemônica social, que incide sobre a relação entre homem e mulher e a extensão de direitos aos homossexuais. Também se observa uma estratégia no sentido de planificar e confundir as questões de gênero com uma ameaça comunista. A nosso ver, esse imaginário se faz presente no cotidiano, manifestado nos ataques à liberdade docente e na defesa de uma escola sem gênero e sem ideologia.

5. Kit gay

Quando a polêmica sobre um suposto *kit gay* emergiu em 2011, Fernando Haddad – que, em 2018, liderou a chapa do Partido dos Trabalhadores – ocupava o cargo de Ministro da Educação. No contexto de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar, desenvolveu-se um conteúdo pedagógico, voltado para docentes, que tratava sobre a temática LGBTQIAP+, haja vista que o ambiente escolar pode ser bastante hostil a essa população.

Diversos especialistas em educação, além de entidades da sociedade civil, apontaram o material como adequado, em conformidade com a idade e a etapa de aprendizado das crianças. Esse material também foi apreciado por grupos que defendem os direitos da comunidade LGBTQIAP+ e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), que se mostrou favorável à sua distribuição. No entanto, por pressão de grupos conservadores, a distribuição foi vetada pela então presidenta Dilma Rousseff.

Arquivada, a polêmica sobre esse projeto foi retomada durante o período eleitoral com o objetivo de desgastar a candidatura de Fernando Haddad à presidência. Entretanto, a natureza e os objetivos desse material educativo ganharam contornos controversos e, muitas vezes, falsos. Em entrevista concedida ao *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, na noite de 28 de agosto de 2018, durante o período eleitoral, o então candidato Jair Bolsonaro apresentou o livro *Aparelho sexual e cia*, do suíço Philippe Chappuis e da francesa Hélène Bruller, como parte de um suposto *kit gay* que teria sido entregue às escolas públicas brasileiras durante o governo do PT. Essa afirmação foi feita após o candidato ter sido questionado pela jornalista Renata Vasconcellos sobre suas manifestações tidas como homofóbicas. As narrativas que emergiram sobre o suposto *kit gay* levavam à compreensão de que se tratava de um *kit* distribuído para crianças da rede pública, com o objetivo de ensiná-las sobre a prática da homossexualidade e, conseqüentemente, doutriná-las homoafetivamente. Ou seja, haveria uma proposta

pedagógica nas escolas com o objetivo de ensinar alunos e alunas a serem gays, lésbicas, transexuais, entre outras práticas “imorais”. Esses imaginários LGBTQIAP+fóbicos foram fortemente mobilizados pelo discurso do então candidato Jair Bolsonaro e se direcionavam à família cristã brasileira, principalmente setores mais conservadores. O TSE proibiu a circulação dessa informação na campanha de Bolsonaro, uma vez que foi comprovada que não era verdade.

Uma pesquisa feita a pedido da *Pública*¹⁰ para o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP) identificou as dez publicações mais compartilhadas que mencionaram o *kit gay* no *Facebook*, entre 15 de setembro a 15 de outubro de 2018. Nesse grupo de pesquisa, era desenvolvido o *Projeto Monitor do Debate Político no Meio Digital*. O perfil oficial de Jair Bolsonaro liderou as publicações mais compartilhadas entre aquelas que se referiam ao candidato Fernando Haddad como o “pai do *kit gay*”. Uma dessas publicações, feita no dia 10 de outubro de 2018, alcançou mais de 115 mil compartilhamentos.

6. Imaginários

Embora Castoriadis (2000) não desenvolva propriamente uma teoria do imaginário, suas reflexões acerca desse termo oferecem aberturas teórico-metodológicas que permitem compreender a operacionalização da LGBTQIAP+fobia no período eleitoral. Castoriadis mobiliza a metáfora do movimento dos magmas para refletir sobre as significações imaginárias da sociedade. Segundo ele, é a partir do movimento das significações imaginárias que se estabelecem as relações de sentido aos indivíduos, não se reduzindo às forças sócio-históricas. Nesses termos, é preciso resgatar do imaginário a sua potência criativa e entendê-lo não como algo dado de antemão, mas como um conjunto em constante transformação, tal como as movimentações do magma.

O autor traz duas distinções sobre a questão do imaginário, sendo que essa potência criativa diz respeito ao que ele chama de imaginário radical. Nesse sentido, é a partir do indivíduo que a sociedade se cria e se altera. Ele entende a instituição da sociedade como imaginária e atribui à imaginação radical essa potência da transformação. Castoriadis (2000) chama de imaginário vivido aquilo que efetivamente é criado na história. Os esforços do autor apontam para algo estrutural que fundamenta o nosso

¹⁰ POLICARPO (2019).

pensamento, talvez por sua proximidade à corrente estruturalista, embora se oponha a uma concepção puramente estruturalista em relação à linguagem e à história.

De acordo com Castoriadis (2000), as significações imaginárias são responsáveis pela criação do mundo para os indivíduos. Nesse sentido, entendemos esse potencial criador dos indivíduos autônomos, que, ao viverem neste mundo, estão produzindo imagens, uma vez que a criação dessas imagens é inerente à nossa experiência. Ao falar da instituição imaginária na sociedade, o autor aponta que há ali uma dimensão de experiência socializada, que opera além do individual.

Para Castoriadis (2000), os sujeitos e as instituições parecem operar como conjuntos em interseção. Ele rejeita a ideia de pureza desses elementos em relação à sociedade, entendendo-os como se estivessem intrinsecamente relacionados. O autor utiliza a metáfora dos magmas para falar sobre essas relações impuras, numa crítica ao caráter essencialista do ser. Nesse sentido, rompe com a lógica estruturalista, entendendo que o funcionamento das coisas pressupõe algo para além da estrutura. Sendo assim, os imaginários são como magma, em que há uma dimensão herdada, mas seu caráter instável também é capaz de produzir problemas. A ideia do magma, portanto, sugere uma fluidez dessa estrutura.

Segundo o autor, o imaginário consiste na própria possibilidade de existência em uma sociedade. Nas textualidades que emergem dos vídeos selecionados, há uma dimensão do agir na linguagem envolta em processos que apontam para essa ação propositiva do imaginário. Nesse sentido, importa-nos que, a partir dessa ação, se abrem novas possibilidades de sentido. Sugerimos a potência de mobilizar a dimensão do imaginário no encontro com as textualidades como ferramenta metodológica interessante para fazer emergir os jogos de poder e as relações de sentido que, nos termos de LGBTQIAP+fobia, tensionam as relações sociais. Para o filósofo francês, é a linguagem que molda o mundo, e ele só existe imaginariamente.

7. Textualidades

Entendemos a textualidade, na esteira do pensamento de Leal (2018, p. 20), como “o processo de emergência de algo tomado como texto”. Nessa concepção, o texto deve ser entendido como o fragmento perceptível de um processo comunicacional, que só existe em relação a ele. Para o autor, numa dada situação comunicativa, a linguagem sempre se apresenta na forma material de textos. Do ponto de vista semiótico, o texto comunicacional é necessariamente “multimodal”, ou seja, articula-se a outros sistemas

semióticos, como signos sonoros, corporais, linguagem gráfica, entre outros. Consequentemente, falar em textualidade significa entender o texto como amálgamas provisórias de relações em curso, obrigando-nos a questionar os contornos e limites dos textos encontrados, indicando seu caráter mediador.

Quando se observam os textos em ação, nos interstícios da vida cotidiana, é preciso considerá-los processos pragmáticos, reconhecendo suas práticas sociodiscursivas contextualmente situadas e, para além disso, algo que emerge no desdobramento, na multimodalidade e multidimensionalidade desses processos (p. 23). Em diálogo com Gonzalo Abril, o autor diz que todo o texto é uma rede textual (um tecido, entramado), e a “objetividade” e “identidade” de um texto é sempre algo provisório. Cada elemento que compõe essa rede textual tem relações de tempo e sentido próprias. Além de nós, a metáfora da rede indica um caráter multidimensional, impreciso, de várias formas, inconcluso e diverso das textualidades.

Leal (2018) ainda reflete sobre as textualidades como um modo de conhecer e investigar as realidades sociais. O autor diz que sujeito e textos se fundem na textualidade, ou seja, texto e sujeito de conhecimento estão imbricados e se deslocam num processo reflexivo constante. A partir de Paul Ricoeur, Leal entende que, ao operar os textos como lugares de conhecimento, o “leitor” se apropria deles. Nesse sentido, também é possível afirmar que, no âmbito da pesquisa, o texto emerge a partir do trabalho do pesquisador, que é um agente da textualidade.

Segundo Leal (2018), todo texto é híbrido, intertextual, dialógico, impuro, heterogêneo e nem sempre polifônico. Ou seja, a abordagem do texto se dá além de seu caráter semiótico, considerando-o como um conjunto heterogêneo de signos vinculados a uma determinada ação comunicativa. Sob essa ótica, texto também se refere aos modos de apreender os fenômenos sociais e os acontecimentos.

8. Análise das textualidades

No período eleitoral para a Presidência do Brasil, as polêmicas sobre *ideologia de gênero* e *kit gay* emergem relacionadas a imaginários LGBTQIAP+fóbicos historicamente construídos sobre as homossexualidades, opondo-se sobretudo às discussões de gênero nas escolas, principalmente na educação infantil, bem como à inclusão do enfrentamento da LGBTQIAP+fobia nas políticas educacionais do país. Esses discursos aparecem recorrentemente nas falas dos candidatos de direita e de extrema direita, que mobilizaram um imaginário social em que as reivindicações do movimento LGBTQIAP+

aparecem como antagônicas à moralidade cristã e hostis às crianças brasileiras. Também se observa um esforço em associar as práticas homoafetivas à pedofilia e à pederastia, bem como em vinculá-las a partidos de esquerda, haja vista um histórico de proximidade com as reivindicações dos movimentos sociais e, atualmente, um posicionamento mais incisivo em relação às pautas identitárias (raciais, LGBTQIAP+, etc.) e aos direitos humanos. Nesse sentido, a *ideologia de gênero* também aparece como instrumento de uma doutrinação marxista que se iniciaria na escola, a serviço de um projeto de corrupção moral e sexual da infância.

A cruzada antigênero e a mobilização de imaginários LGBTQIAP+fóbicos aparecem em diferentes debates presidenciais na América Latina (Costa Rica, Colômbia, Argentina, etc.), nos Estados Unidos e em diversos países europeus (Polônia, Hungria, República Tcheca, Croácia, etc.), principalmente mobilizados por partidos conservadores, liberais, de direita e de extrema direita, que em muitos casos culminaram em perseguições políticas com a tomada de poder.

A tentativa de equiparar homossexuais a comunistas tem precedentes históricos, bem como a perseguição política ancorada em discursos morais, higienistas, homofóbicos, e aparece em diferentes momentos e cenários geopolíticos. Seja no contexto da ditadura militar brasileira, seja na Alemanha nazista, esses imaginários LGBTQIAP+fóbicos foram acionados pelos Estados, chegando ao ponto de perseguir e assassinar milhares de pessoas LGBTQIAP+ nos campos de concentração. No vídeo sobre o *kit gay*, inclusive, os apresentadores chegam a falar sobre os campos de extermínio do regime nazista, sem, no entanto, tocar em sua dimensão LGBTQIAP+fóbica, e acabam por mobilizá-los sob uma lógica xenofóbica quando pedem para as pessoas postarem a bandeira da Alemanha nos comentários para lembrar das consequências do nazismo. Ora, ainda que o regime nazista tenha se estabelecido a partir da Alemanha, é bastante problemático fazer essa relação intrínseca entre o país e o regime político: a propósito, a Alemanha não é nazista.

Já no vídeo sobre a *ideologia de gênero*, eles também comentam o assassinato do ativista Marcos Cruz Santana, do movimento LGBTQIAP+ de Itororó, interior da Bahia, por motivações LGBTQIAP+fóbicas. Um detalhe que caracterizou esse crime como um ato homofóbico foi a mutilação do seu órgão genital pelos agressores. “Se não usa, joga fora” é a frase utilizada por Herbert ao comentar o fato. Aqui aparece a relação desse imaginário LGBTQIAP+fóbico com o caráter comunicativo do crime. A mutilação desse órgão genital comunica a motivação do crime e o seu caráter punitivo por transgredir a norma. Além disso,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.261>

Herbert destaca alguns dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, que coloca o Brasil no topo do *ranking* de países que mais mata pessoas LGBTQIAP+ em todo o mundo, o que certamente é efeito de uma estrutura social machista e LGBTQIAP+fóbica.

Em outro momento do vídeo, Herbert aponta para o caráter colonial das relações de gênero. Ele chega a afirmar que o nosso pensamento está assentado numa perspectiva eurocêntrica, que privilegia homens brancos, heterossexuais. O apresentador diz que o gênero já é ensinado nas escolas, porém a partir dessa perspectiva do homem branco e heterossexual. Essa colocação de Herbert vai ao encontro de diversas pensadoras decoloniais¹¹, que têm denunciado a colonialidade de gênero enquanto instrumento de dominação e colonização dos corpos.

A fala posterior da Fernanda sobre masculinidades não contribui muito para a reflexão; pelo contrário, pode ser bastante problemática por reiterar imaginários hegemônicos sobre masculinidade e família, que são a base do pensamento cristão ocidental e heterocentrado. Ela diz: “Isso [de ser machão] é ruim também para homens. Ser machão desse jeito cansa. Sua única função no mundo não é sustentar uma família, é ter uma família”. Certamente a sua crítica se direciona à economia dos papéis de gênero, que atribui ao homem o provento da família, e o trabalho doméstico às mulheres, mas não há uma problematização explícita sobre o que é “ter uma família”, a quais arranjos familiares está se referindo. Afinal, pela lógica cristã ocidental, a família é, antes de tudo, heterossexual: sendo, portanto, uma das bases do sistema de exclusão de famílias homoafetivas, entre outros arranjos familiares que destoam desse modelo.

No mesmo vídeo, há comentários sobre a exposição *Queermuseum*¹², aberta em agosto de 2017, em Porto Alegre, que repercutiu por influência de grupos conservadores, como o Movimento Brasil Livre (MBL). Esses grupos criticaram o conteúdo da exposição, acusando-a de promover a pedofilia, a zoofilia e a blasfêmia. As questões sobre a LGBTQIAP+fobia, motivo pelo qual a exposição foi censurada, não chegaram a ser problematizadas. Assim, a argumentação dos apresentadores não avança muito para a compreensão de que a suposta *ideologia de gênero* não deve ser reduzida ao ambiente escolar ou aos materiais pedagógicos e tampouco aborda sua dimensão LGBTQIAP+fóbica.

¹¹ LUGONES, María. (2014); SEGATO, Rita. (2016).

¹² A Mostra contou com um acervo de 90 obras de 270 artistas nacionais que se identificavam com a temática LGBTQIAP+.

O que podemos observar a partir do vídeo sobre a *ideologia de gênero* é que a discussão sobre gênero propriamente vai aparecer nas falas dos apresentadores, porém dispersa, sem necessariamente amarrar esse conjunto textual de modo coeso, a ponto de interligar o que o assédio às alunas, uma certa estrutura social e empresarial machista, o assassinato do ativista gay, a mutilação de seu órgão genital e as polêmicas em torno do *Queermuseum* têm em comum, sobretudo na sua relação com a suposta *ideologia de gênero* e em seus desdobramentos no contexto eleitoral.

Por outro lado, a sua relação com a LGBTQIAP+fobia tampouco foi aprofundada, e certamente este foi um dos elementos centrais para a construção de um imaginário distópico sobre a *ideologia de gênero* ao longo da campanha eleitoral. No entanto, o *Canal das Bee* não estabeleceu conexões entre o assédio na instituição escolar e as falas de candidatos presidenciais, ignorando a polêmica que o termo impôs à campanha de 2018.

No vídeo intitulado *Kit Gay – Recebidos da Semana*, é possível perceber como as *fake news* e a polarização política dominaram o cenário eleitoral em 2018. Observa-se que os apresentadores fazem uma forte vinculação do candidato Bolsonaro a regimes políticos ditatoriais, antidemocráticos e à censura, inegavelmente devido a sua postura autoritária, sua posição militar e o revisionismo histórico em relação à ditadura brasileira, insistindo em tratá-la como uma revolução necessária para conter o avanço do comunismo.

Fernanda comenta uma *fake news* que naquele contexto corroborou para a narrativa LGBTQIAP+fóbica usada pela campanha de Bolsonaro, sugerindo que o PT, partido de Fernando Haddad, estaria erotizando as crianças e estimulando a pedofilia. Em sua explicação, Fernanda aponta para uma tentativa de vincular essas *fake news* às pautas do movimento LGBTQIAP+.

No entanto, embora os apresentadores expliquem que o *kit gay* foi um termo pejorativo atribuído a um material didático que objetivava o enfrentamento da LGBTQIAP+fobia no ambiente escolar e, em alguma medida, suas explicações passem por esses lugares, não se observa o estabelecimento de uma relação direta entre os textos acionados e os imaginários LGBTQIAP+fóbicos historicamente construídos sobre as homossexualidades, que as caracterizam como práticas imorais, que corrompem as crianças e estimulam a pedofilia. Esse olhar um pouco mais analítico no sentido de revelar as camadas LGBTQIAP+fóbicas que emergem desses imaginários, bem como a sua relação com as notícias selecionadas

para os episódios, é pouco explorado quando se observam as aberturas que os próprios dados trazidos pelos apresentadores poderiam suscitar. Os limites da abordagem proposta pelo Canal não diminuem a potência do gesto dos apresentadores de se engajar no enfrentamento da LGBTQIAP+fobia no *YouTube*, mas revelam como a presença desses imaginários LGBTQIAP+fóbicos são eficazes no sentido de invisibilizar diferentes atravessamentos de poder e saber que estão presentes na sociedade ocidental, inclusive no Brasil, e que foram determinantes para a disseminação dessas *fake news* no contexto eleitoral, bem como a sua aderência social.

9. Considerações finais

As polêmicas que os vídeos se propuseram a debater apontam para imaginários sociais historicamente construídos que são estruturantes das relações de gênero em nossa sociedade. A operação desses imaginários é capaz de invisibilizar as manifestações de poder e saber que envolvem o campo do gênero, sexo e sexualidade. No entanto, o imaginário também oferece elementos para a superação da invisibilização das manifestações de poder/saber.

Enquanto ferramenta metodológica, os imaginários podem revelar dimensões da LGBTQIAP+fobia em textualidades midiáticas, uma vez que fazem emergir, nas tramas dos textos, discursos e relações de sentido historicamente construídas sobre as homossexualidades que nos constituem textualmente.

Os imaginários nos ajudam a observar que a discussão sobre a *ideologia de gênero* proposta pelo *Canal das Bee* durante o período eleitoral não chegou a alcançar alguns pontos importantes para a compreensão da LGBTQIAP+fobia. Em alguma medida, se discutem as consequências em relação à transgressão à norma, bem como a violência latente que atinge corpos LGBTQIAP+, porém não se alcançam as dimensões imaginárias, que foram determinantes para o espriamento e a aderência social dessas *fake news*. A propósito, nas sociedades modernas, esses imaginários LGBTQIAP+fóbicos são tecidos por diferentes instituições, dimensões históricas, sociais, culturais, econômicas, epistemológicas, coloniais e capitalistas. Em relação ao vídeo sobre o *kit gay*, as conexões com o cenário eleitoral apareceram de modo mais efetivo; no entanto, as discussões sobre LGBTQIAP+fobia foram minimizadas para dar lugar a discursos de oposição ao candidato Bolsonaro, com os apresentadores reiterando o perigo que a sua vitória representaria para a população LGBTQIAP+. Certamente essa expectativa trágica não é apenas uma imaginação distópica de um futuro sombrio, mas encontra elementos contundentes para se consolidar no

imaginário social, na medida em que o discurso, o projeto político e o comportamento LGBTQIAP+fóbico de alguns candidatos – sobretudo o ex-presidente Jair Bolsonaro – são sintomas de uma sociedade estruturalmente LGBTQIAP+fóbica e violenta contra pessoas LGBTQIAP+.

Portanto, a ausência de questões importantes na discussão dos temas tratados nesses vídeos não só indica os limites do *Canal das Bee* no enfrentamento à LGBTQIAP+fobia, como dá pistas sobre a colonização epistemológica e a presença e o poder do primado heteronormativo nos modos de apreensão dos fenômenos que atravessam a sociedade brasileira. Conseqüentemente, os vídeos analisados não nos parecem dar conta da dinâmica própria dos imaginários sociais, particularmente segundo a proposição metafórica de Castoriadis de compreendê-los como magmas que, embora potentes no arrastar destrutivo do que está à sua frente – com posterior solidificação –, também apontam para movimentos que resultarão na constituição de novas realidades.

Essa pesquisa foi desenvolvida graças ao financiamento da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Carlos Alberto de Carvalho

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8433-8794>

Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Belo Horizonte (MG), Brasil

Doutor em Comunicação Social pela UFMG

E-mail: carloscarvalho0209@gmail.com

Philippe Oliveira Abouid

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7326-386X>

Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Belo Horizonte (MG), Brasil

Mestre em Comunicação Social pela UFMG

E-mail: pholabouid@hotmail.com

Recebido em: 1 de dezembro de 2021.

Aprovado em: 1 de dezembro de 2022.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.261>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.195-215, set./dez. 2022

Referências:

ORRILLO, Danilo. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARVALHO, Carlos Alberto; AZEVÊDO, José Henrique Pires. Do AZT à PrEP e à PEP: aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Reciis** (Rev. Eletron. Comum. Inf. Inov. Saúde), 13(2), 246-60, abr./jun 2019. Disponível em: www.reciis.icict.fiocruz.br. Acesso em: 01 dez. 2019. (ISSN 1981-6278)

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da Sociedade**. 5. ed. Trad. Guy Reynoud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.

LEAL, Bruno Souza. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: _____; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, Geane. **Textualidades Midiáticas**, Belo Horizonte: **Selo PPGCOM UFMG**, 2018. 172 p. (p. 17-34). (Olhares Transversais). Disponível em: <http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/book/1>. Acesso em: 28 out. 2020.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “Ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**. (53), 2018. (e185302). (ISSN 1809-4449). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653409/18508> Acesso em: 15 dez. 2019.

POLICARPO, Alexandre. et al. A eleição do “Kit gay”. **Agência Pública**. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/a-eleicao-do-Kit-gay/>. Acesso em: 25. jul. 2019.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FRIZZERA, Luciano. Algoritmos e desinformação: o papel do YouTube no cenário político brasileiro. In: **VIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA** (VIII COMPOLÍTICA (GT Internet e Política), Brasília (UnB), 15 a 17 de maio de 2019. Disponível em: <http://compolitica.org/novo/artigo/algoritmos-e-desinformacao-o-papel-do-youtube-no-cenario-politico-brasileiro/> >. Acesso em: 05 ago. 2019.

YOUTUBE. **Ideologia de gênero – Bee News 12**. Canal das Bee. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEGs_ScJ6Nk>. Acesso em: 19 nov. 2021.

_____. **Kit gay - Recebidos da Semana**. Canal das Bee. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WBsPwUaah60>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Resumo

Este artigo apresenta a mobilização dos imaginários como ferramenta metodológica para a apreensão da LGBTQIAP+fobia em textualidades midiáticas. Como corpus de análise, selecionamos dois vídeos publicados no *YouTube* do Canal das Bee durante o período eleitoral para a presidência brasileira que tratavam sobre a *Ideologia de gênero* e o *Kit gay*, duas polêmicas que tiveram a LGBTQIAP+fobia como chave operatória. Consideramos que os imaginários historicamente construídos sobre as homossexualidades contribuíram para provocar um sentimento de ameaça em relação às práticas não normativas de gênero, sexo e sexualidade que são acionadas por essas polêmicas. Como gesto de análise, as textualidades midiáticas podem contribuir para fazer emergir imaginários LGBTQIAP+fóbicos que atravessam os jogos de poder e as disputas de sentido que constituem a sociedade brasileira na segunda metade do século XXI.

Palavras-chave: Imaginários. LGBTQIAP+fobia. Textualidades.

Abstract

This article presents the mobilization of the imaginary as a methodological tool for the apprehension of LGBTQIAP+phobia in media textualities. As a corpus of analysis, we selected two videos published on YouTube by *Canal das Bee* during the election period for the presidency, that dealt with *Gender Ideology* and *Kit gay*, two polemics that had LGBTQIAP+phobia as the operative key. We consider that the imaginary historically built on homosexuality contributed to provoke a feeling of threat in relation to the non-normative practices of gender, sex and sexuality that are triggered by these controversies. As a gesture of analysis, media textualities can contribute to the emergence of LGBTQIAP+phobic imaginary that cross the power games and the meaning relations that constitute Brazilian society in the second half of the 21st century.

Keywords: Imaginary. LGBTQIAP+phobia. Textualities.

Resumen

Este artículo presenta la movilización de imaginarios como herramienta metodológica para la aprehensión de la LGBTQIAP+fobia en textualidades mediáticas. Como corpus de análisis, seleccionamos dos videos publicados en YouTube por Canal das Bee durante el período electoral para la presidencia brasileña, que abordaron la Ideología de Género y Kit gay, dos controversias que tenían como clave operativa la LGBTQIAP+fobia. Consideramos que los imaginarios históricamente contruidos sobre las homosexualidades contribuyeron a provocar un sentimiento de amenaza en relación a las prácticas no normativas de género, sexo y sexualidad que son desencadenadas por estas controversias. Como gesto de análisis, las textualidades mediáticas pueden contribuir al surgimiento de imaginarios LGBTQIAP+fóbicos que atraviesan juegos de poder y disputas de sentido que constituyen la sociedad brasileña en la segunda mitad del siglo XXI.

Palabras clave: Imaginarios. LGBTQIAP+fobia. Textualidades.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.